ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 22 DE FEVEREIRO DE 1904* | *NUMERO 16*

DR. ALBERTO DE CASTRO PEREIRA D'ALMEIDA NAVARRO

(Phot. Bobone)

O sr. dr. Alberto Navarro é o representante do ministerio publico junto do supremo tribunal de Justiça e faz parte do conselho de magistratura.

Debatendo-se ultimamente no Tribunal Arbitral a questão do Caminho de Ferro da Beira Alta, o illustre jurisconsulto foi nomeado para impugnar as exigencias d'essa companhia da qual é advogado o sr. dr. Pinto Coelho.

A empreza que tomou conta dos trabalhos da linha da Beira Alta declara o governo seu devedor tendo-se no emtanto provado com um recibo da casa Henry Barnay & C.ª que está saldada a conta visto essa firma commercial ter cobrado a quantia de 13:061$669 réis, resto da subvenção do Estado, commo se lê no mesmo documento.

O sr. dr. Alberto Navarro fez notar os termos d'esse recibo e a circumstancia de no processo não o haver procuração da companhia que desse á firma Henry Barnay o direito a receber semelhante quantia, assignalando que a questão, posta n'este pé, devia dirimir-se entre a citada firma e os queixosos.

CHRONICA

Lição ao mestre?

Da tradição da caserna passou para o vulgacho uma velha anecdota d'um velho tempo. Ainda se usava o briche e ainda não se vulgarisara a novella franceza. Havia então batalhões aguerridos, milicianos, porta machados barbudos e tambores-móres de dois metros d'altura. Foi ha muito tempo como vêem... O Saldanha mal pensava em ser ministro e ainda menos em ser duque... Era por essa epoca um general garboso e bravo que sabia franzir a testa ao ver os cartuchos mal mordidos e que sabia sorrir ao vel-os bem empregados. Andara na aprendizagem da guerra com o Povoas, aquelle velho Povoas que D. Miguel estimava, creara-se na sua escola, ganhara galões e dragonas, fôra n'um pulo ao Brazil bater o terrivel Artigas — o melhor cavalleiro do tempo — e recusara lá na America uma corôa e um povo, mas acceitara voltar a Portugal para fazer a batalha da poeira...

COSTUMES JAPONEZES: TYPO DE MULHER JAPONEZA

Nublara-se o ceu da politica e rebentara rija a escaramuça, andavam as sanhados os partidarios do senhor D. Miguel contra os da senhora D. Maria da Gloria e os generaes mal tinham occasião de comer a sopa dois dias a fio na mesma terra.

Uma cousa dos diabos com gritos, com tiros e com opera comica.

Ora foi n'uma d'essas escaramuças que Saldanha, já coberto de legenda e de louros, esmagado ao peso das medalhas e da gloria, teve de se encontrar com o seu antigo mestre.

— Oh! que boa partida lhe vou pregar! — dizia elle a esfregar as mãos.

Povoas aguardava-o a pé firme, sorridente e satisfeito a ver as manobras do inimigo como se assistisse a um exercicio! Com mil cartuchos, o discipulo fazia-lhe honra!...

Via-o avançar em linhas cerradas, os soldados cheios de garbo e de furia e sorria sempre... Mas lá chegou um momento em que estremeceu... O rapaz sahia-lhe mestre...

E então poz-se no seguro... Saldanha avançava alegremente, conquistava palmo a palmo o terreno e via os soldados do Povoas sempre no seu posto sem fazerem fogo, hirtos, espectados, com as suas barretinas empennachadas, garbosos e em massa no topo d'um cerro... E avançava, avançava sempre...

De repente sentiu o seu flanco direito a vacillar e viu que o inimigo estava ás voltas com elle... Bateu em retirada... Mas aquelles soldados, garbosos, hirtos, para os quaes avançara radiante? Eram apenas estacas onde Povoas mandara collocar as barretinas dos seus soldados, emquanto fazia a ousada manobra que lhe deu a victoria!...

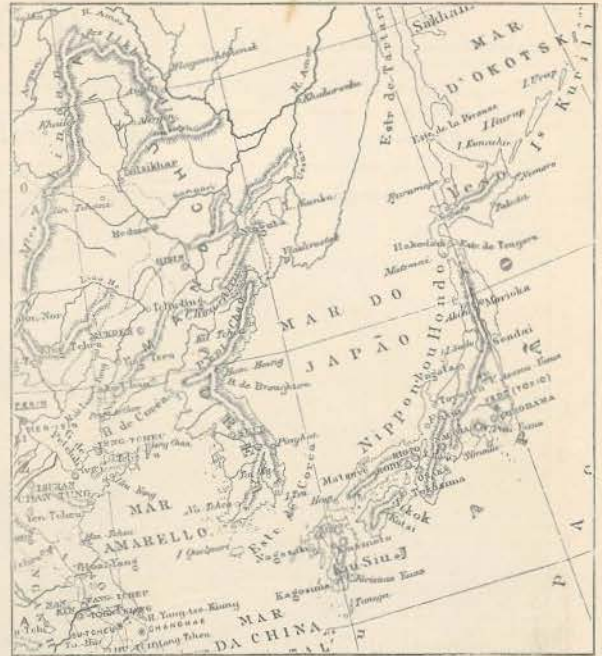
COSTUMES JAPONEZES: UM PASSEIO EM TOKIO

Mais tarde ambos se encontraram n'uma sala e o Saldanha, apertando a mão ao Povoas, exclamou:

— Boa partida!

— Aquella não te ensinei eu, meu rapaz!

— Oh! mestre... Que deslealdade... e Saldanha fez-se amarello.

— Que queres... O mestre guarda sempre a melhor para si...

MAPPA DO JAPÃO E DO LOCAL DA GUERRA RUSSO JAPONEZA

TYPO DE MULHER COREANA

*

Ora o Japão, terra que durante muito tempo foi tratada como exotica pela velha Europa, conseguiu aprender as tranquibernias e o commercio, a politica e as industrias, a diplomacia e a guerra, conseguiu assimilar, transformar-se para de seguida muito altivamente se defrontar com uma nação do velho mundo! E d'ahi, um alarme, um papão creado, o nascimento d'um terrivel ogre:

O perigo amarello! C'os diabos! O perigo amarello!

E' bom socegar, que, naturalmente, a Europa como o diabo, que sabe muito por ser velho, e como mestre d'esse povo do Extremo Oriente, não lhe ensinou tudo... Olhem o Povoas!... Credo! O perigo amarello!...

Isso é uma formula, meus senhores, é uma phrase... Não se dão de repente lições ao mestre! E se o amarello os amedrontar lembrem-se que se elle é a côr da raça mongolica e da colera, tambem é a côr de certo riso pouco natural e a de quem tem dôres de barriga.

Rocha Martins.

UM COREANO

O Japão era ha quarenta annos um povo, como todos os do extremo-oriente, julgado semi-selvagem pela Europa. A lei que na China vedou durante muito tempo a entrada aos estrangeiros era tambem uma lei japoneza. Encerrava-se o imperio no seu culto aos idolos, que, segundo a tradição, são os ancestraes do soberano mikado, e fazia uma vida toda interna, vida que ainda inspirou paginas a Maurice Dubard e ao romancista Loti. Porém, mercê d'alguns homens arrojados, de clara intelligencia como o marquez d'Ito e conde Inouyé, n'esse tempo simples plebeus, acabou a guerra ao europeu. Em vez da lucta em todos os campos, fez-se a paz, uma paz sophistica, pela qual o Japão tudo ganhou. Dotados d'uma intelligencia fixa e perspicazes ao extremo, os japonezes assimilaram facilmente os costumes e dentro em pouco tempo conseguiram mobilisar exercitos á europea, desenvolveram a sua marinha, até então rudimentar, e por fim, com a sympathia das potencias, tendo attingido um alto grau de desenvolvimento, o Japão começou a mostrar-se dominante no extremo oriente, o que prova agora mais uma vez com o seu ousado ataque á Russia. O imperio é formado por quatro grandes ilhas que teem os seguintes nomes: Yeso, Nippon, Sékokan e Kiouson, e cuja população é de 40 milhões de habitantes. O exercito japonez em tempo de guerra é de 150:000 soldados não contando com as reservas, que são todos os homens validos de 17 aos 40 annos. Tem seis districtos militares e muitas escolas superiores de guerra as quaes foram no começo dirigidas por europeus e actualmente por japonezes. Ha em Tokio uma grande fabrica d'armas e duas fabricas de polvora, além de dois arsenaes e um museu d'artilharia.

A CATASTROPHE DE MOLEDO

Moledo é um pequeno povoado na freguezia de Fontellas, concelho de Peso da Regua, e onde existe um estabelecimento thermal pertencente aos srs. condes de Azambuja. E' um logarejo alegre, muito pittoresco, na falda d'um monte e que recebe durante o verão 400 a 500 pessoas que vão fazer uso das aguas, habitando umas casinhas commodas que ultimamente ali se tem construido. Uma grande parte d'esse povoado acaba de ser destruido em resultado de uma catastrophe que ali se deu em 9 de fevereiro.

Com as constantes chuvadas, um rio, que corre no alto da villota, trasbordou e despenhou-se por um vinhedo que ficou destruido, e vindo n'uma grossa onda bateu d'encontro ás paredes do reservatorio do estabelecimento thermal, que derruiram, augmentando desde logo a inundação com os 4:500 litros d'agua que elle continha.

CALDAS DE MOLEDO

OS ESCOMBROS

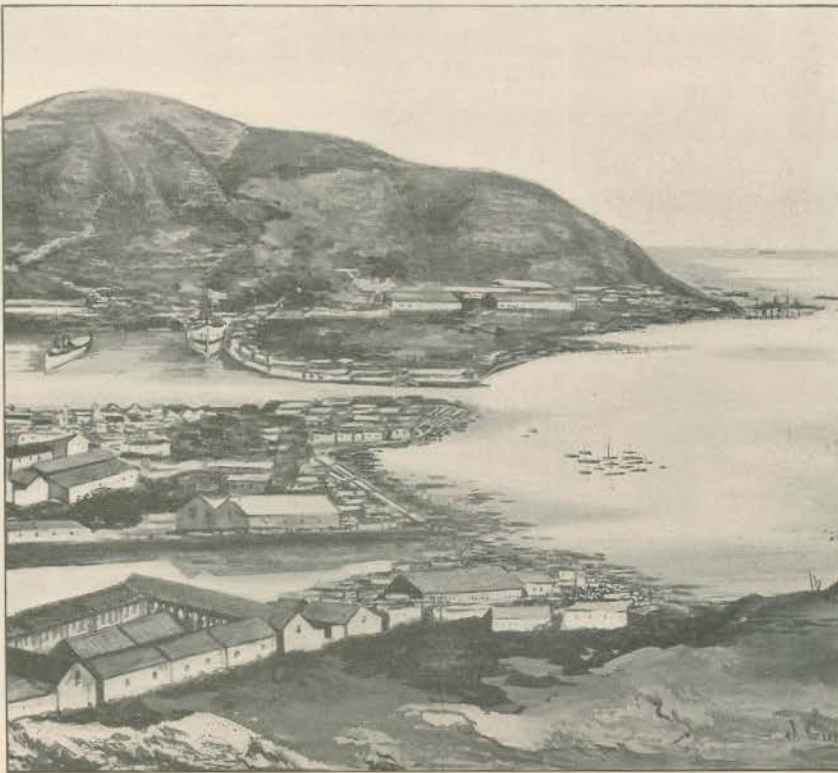
A enorme corrente, galgando terrenos, agitada e caudalosa, n'uma furia enorme, veiu contra as casas da povoação, que se derrocaram, sepultando alguns individuos nos seus escombros. Sobe a 21 o numero das victimas e calcula-se em 30 contos os prejuizos materiaes. Da Regua vieram os bombeiros voluntarios, que prestaram os primeiros soccorros á povoação quasi destruida e a cujas ruinas arrancaram cadaveres. Uma familia composta de 6 pessoas pereceu na catastrophe, salvando-se apenas uma creança de 2 annos e meio, a qual deveu a vida ao negociante Domingos de Mesquita, que a foi buscar ao meio dos escombros.

Causou profunda impressão no paiz esta catastrophe, uma das maiores de que ha memoria.

A catastrophe causou profunda impressão em todo o paiz e é desolador o aspecto da villa com as casas esboroadas, em montões d'entulho, as paredes aluidas, os moveis soterrados, as alvenarias por terra a formar as sepulturas dos habitantes que despreoccupadamente descançavam, mal julgando que a morte viria surprehendel-os. O sr. D. José de Mendoça, filho do sr. conde d'Azambuja, enviou soccorros á gente da povoação que mais soffreu com a catastrophe.

A concessão de Porto Arthur

Porto Arthur, que está no theatro da lucta russo-japoneza, chamava-se antigamente Lou-Chun-Kou e fica no estreito de Petchili, no Mar Amarello, na extremidade meridional da peninsula de Liáo-Tung. E' um porto em fórma ovuloide com dois kilometros e meio de largo por um e meio de comprido e está rodeado de rochas escarpadas. Constitue uma estação naval de primeira ordem. O governo chinez escolheu-o para abrigo da sua esquadra do norte. Havia alli 13 fortes no tempo da guerra com o Japão em 1894, mas apesar d'isso o forte cahiu em poder do exercito japonez commandado pelo conde de Oyama. Em 19 de novembro d'esse anno deu-se o assalto e pela noute os japonezes tinham 500 baixas e os chinezes mais de 5:000.

O Japão occupou desde logo Porto Arthur, ficando com quinze mil toneladas de carvão, com toda a artilharia e muitos prisioneiros chinezes. Quando o evacuaram, destruiram todas as fortalezas. Em 1898, a Russia pediu que lhe arrendassem Porto Arthur com o de Tan-lieu-nan, solicitando tambem licença para construir um caminho de ferro desde Bodune a Porto-Arthur, por Kuan-Ching e Mukden. O Celeste Imperio não poude resistir a este pedido e desde 27 de março de 1898 está Porto Arthur convertido em praça russa.

VISTA GERAL DE PORTO ARTHUR

A clausula do tratado pelo qual foi cedido o porto é a seguinte:

«Tendo-se em conta que a Russia, para proteger efficazmente os seus navios nas aguas do norte da China, necessita possuir uma estação de facil defeza, o imperador da China consente em ceder Porto-Arthur e Tan-lieu-nan com os mares adjacentes, havendo n'esta concessão a clausula de não prejudicar de qualquer fórma a China».

A duração do tratado é de 25 annos. Ao norte do territorio ha uma zona neutral sob a jurisdicção do Celeste Imperio que não póde, no emtanto, ter ali tropas.

Os russos reconstruiram as fortalezas que os japonezes tinham feito voar quando abandonaram o porto após a guerra com a China, installaram-se ali e fizeram um magnifico abrigo para as suas esquadras, conforme se tinha exarado no contracto.

Agora com o caminho que a guerra vae tomando é possivel que Porto Arthur caia em poder dos japonezes que d'esta vez não o abandonarão, pois d'este modo guardam a chave da China, do extenso territorio que com a Corea é objecto da cubiça europea.

E' á vista d'este porto que se teem dado os combates navaes sem duvida vantajosos para os japonezes, que assim aproveitam as lições recebidas dos europeus.

DESASTRE NA BOCCA DO INFERNO

Mr. Gaston Kleber e Paul Meja, dois viajantes francezes que tinham vindo em passeio de recreio a Portugal, dirigiram-se na manhã de 10 de fevereiro á *Bocca do Inferno*, em Cascaes, acompanhados pelo interprete do Avenida Palace, um allemão chamado Kole Hugentabler.

O mar estava agitado e as ondas vinham alterosas e em cachões esfarelar-se contra os rochedos que constituem a caverna. Quebrava-se o mar com estrepito nas arestas das pedras, entravam e desfaziam-se as ondas em rolos espumantes, subindo até grande altura violentas e colericas.

Os francezes desceram a escadinha talhada na rocha e que conduz á furna, apesar do guarda os prevenir de que podia haver perigo.

Mr. Kleber voltou para traz ao passo que o seu companheiro com o interprete desciam para o sitio denominado a *Pombeira Alta*, um lagedo claro que fica a meio do rochedo.

Deveras arrebatado pelo espectaculo, deante das ondas alterosas que continuavam a vir com furia e estrondo a quebrar-se nas pedras, mr. Meja deixou-se ficar ali durante momentos, como attrahido para esse mar tormentoso que lhe dava uma sensação poderosa a bater nas rochas, a gerar um ecco espantoso na concavidade da furna.

O interprete deixou-se ficar um pouco mais distante, emquanto mr. Kleber olhava do alto o grandioso espectaculo.

De repente uma vaga maior arrastou mr. Meja e ouviu-se um grito espantoso solto pelo interprete ao vêr o desgraçado a agarrar-se convulsivamente ao rochedo da *Pombeira*. A agua repuxava-o, entrava-lhe pelas roupas e fazia uma força enorme, buscando roubar-lhe aquelle ponto de apoio. Conservou-se ali durante instantes, n'um supremo esforço.

Aos gritos soltos pelos outros dois appareceu o guarda que immediatamente viu o perigo que o francez corria. Tentou então salval-o. Como na barraca não houvesse nenhum apparelho de salva-vidas, gritou á mulher que lhe trouxesse uma corda, desceu alguns metros no rochedo e atirou-lh'a. Mas era pequeno o baraço para que elle o pudesse alcançar. No meio do maior terror, o guarda arrancou o chale dos hombros da companheira, atou-o rapidamente na extremidade da corda e lançou-a assim ao infeliz, exactamente na occasião em que as ondas conseguiam leval-o. Boiou uns curtos momentos e desappareceu para sempre.

Mr. Meja era natural de Rivès, departamento d'Isère, casado e tinha quarenta annos. Veiu a Portugal com o seu amigo Kleber, negociante em Paris, a fim de emprehender alguns negocios e fazer ao mesmo tempo uma viagem de recreio.

Occupava no Avenida Palace o quarto n.º 57 e o seu compatriota o n.º 61 e tinham chegado do Porto em 5 de fevereiro. Kleber ficou no hotel e o seu amigo partiu de novo para o Porto, d'onde regressou na manhã de 10. Depois d'almoço, deliberaram dar um passeio nos arrabaldes e tentados pela descripção que o interprete lhes fazia da *Bocca do Inferno* para lá se dirigiram, mal pensando que um d'elles deixaria a vida n'essa voragem que se rasga immensa e surprehendente no fim da villa de Cascaes.

Mr. Kleber telegraphou para a familia do morto dando-lhe noticia do triste acontecimento e veiu a Lisboa mr. Blanche, cunhado do infeliz, que buscava conduzir o cadaver para França. Porém o corpo do desditoso não appareceu.

ASPECTOS DAS HORTAS EM QUARTA FEIRA DE CINZAS

UM GRUPO NA «MONTANHA» = NA PERNA DE PAU = O PRETO DAS RUAS = Á VOLTA = BEBEDORES

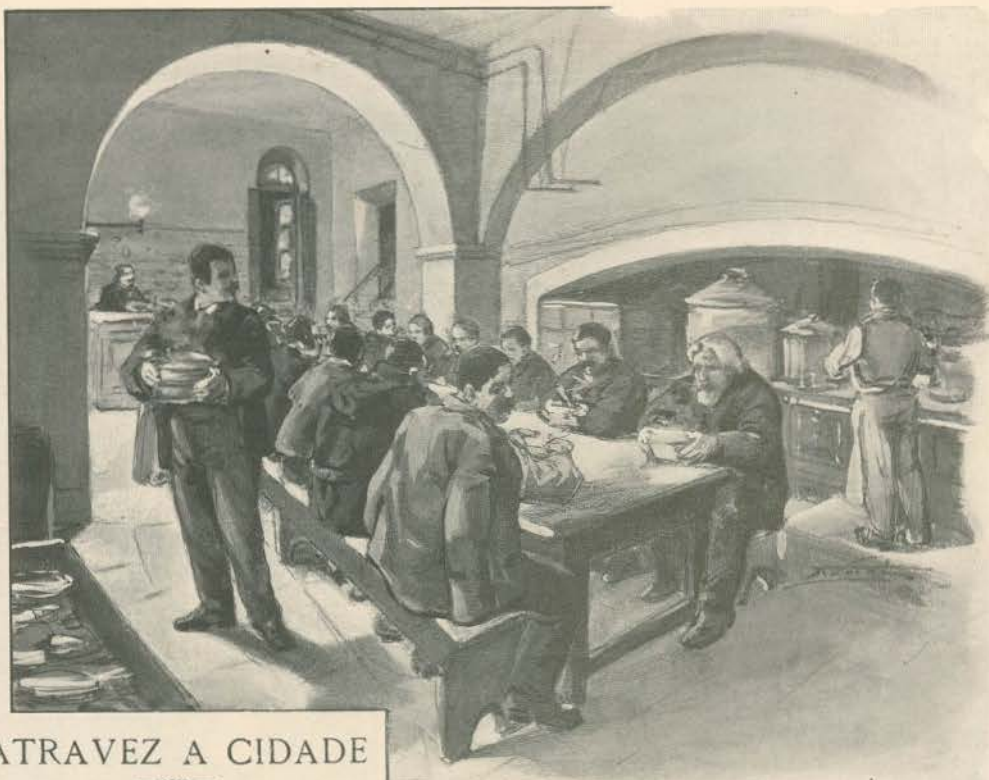
A ida ás hortas em quarta-feira de cinzas a festejar-se o fim do carnaval e o começo da quaresma é um velho costume lisboeta. Antigamente, quando a circumvallação era limitada e quando no theatro havia bohemios de talento, era em quarta feira de cinzas que os actores se reuniam em volta da mesma meza, bebendo pelo mesmo copo e esquecendo dissenções de bastidores e velhas rivalidades. Iam para Carriche, para a Perna de Pau e para outras hortas das cercanias; o Antonio Pedro, o Cesar Lima, o Epiphanio, o Tasso, toda essa velha guarda celebre, ali tiveram bellos momentos de alegria como um oasis no meio das suas vidas trabalhosas.

AS FESTAS NA AVENIDA

O CARNAVAL NA AVENIDA DA LIBERDADE EM SEGUNDA E TERÇA FEIRA GORDA

As festas promovidas pela Associação da Imprensa continuaram n'estes dias com maior brilhantismo, sendo distribuidos os premios ás diversas mascaradas; reinou um grande enthusiasmo principalmente na tarde de terça-feira em que appareceu maior numero de carruagens, automoveis e cavalleiros.

O sr. Augusto de Freitas que recebeu o premio das bicycletas, um espelho de crystal e prata. = O sr. Manuel da Silva, vestido á hespanhola (premio de 5$000 réis). = A troupe *Chiquita* (premio de 15$000 réis). = A parodia *Côrte d'el-rei Lamecha* (premio de 50$000 réis). = As meninas Regina e Estella Tavares de Mello (premio destinado ás crianças, duas cabrinhas). = A montada granadina da cavalgada Gagliardi (premio um estojo com doze peças de crystal). = A fortaleza do batalhão de Campo d'Ourique. = O sr. Raul Lino em traje 1815, conduzindo uma bicycleta modelo primitivo. = Adrião e Genoveva (premio de 15$000 réis). = A menina Iris dos Santos Silva (premiada no baile infantil).

A REFEIÇÃO

ATRAVEZ A CIDADE

ALBERGUE NOCTURNO DE LISBOA

(NOTAS D'INFORTUNIO)

Foi ha tempos, em fins de verão, peregrinando por essa cidade adeante, a colher de *riza* meia duzia de notas soltas para o meu canhenho de reporter — chronista.

D'essas paginas dispersas, traçadas *à la legère*, recorto hoje os periodos que seguem, referentes ao Albergue Nocturno installado aqui proximo, na Rua da Cruz dos Poyaes, desde 1900.

*

A hora a que entrei no Albergue, hora tardia para que a indolencia dos miseros ainda ali os tivesse presos, nada colhi de flagrante; apenas o vestigio da noitada, e, conforme as indicações prestadas, o meu espirito evocou o bando miseravel e triste, esperando no pateo da entrada, estirado em bancos, que inquirido nome, filiação e... modo de vida — suprema ironia! — a cada um fossem dados ceia e albergue.

A atmosphera era respiravel, e pairava no ar um halito que vinha de fóra, das dependencias do edificio, e as proprias paredes, altas, bem caiadas, diziam cuidado e solicitude.

Ladeando o portão ha dois rapidos lanços de escadaria: para a direita o quarto do encarregado — cacifro arejado, claro, onde por uma frincha aberta os meus olhos curiosos e propositadamente observadores toparam com uma enxuga sobre a qual havia rumas de roupa.

O encarregado do Albergue, da parte destinada aos homens, prestou-se, depois d'uma hesitação em que ia desconfiança, a mostrar-me com bonhomia todas as dependencias d'esse *piso* terreo.

Galgado o lanço ha uma sala com bancadas em volta, onde começa a selecção:

— No pateo, ali, esperam os homens; aqui, as mulheres e as creanças — diz-me a sua voz forte e persuasiva.

Adeante, outra sala ainda, de identica configuração, é onde o escripturario recebe o nome dos miseraveis e lhes dá, terminado o inquerito summario, um cartão com o numero correspondente á camarata e leito que irão, por aquellas noites invernosas, occupar os famintos.

O albergue para homens

A seguir, a primeira camarata. D'um lado e d'outro do vasto corredor alinham-se em duas fileiras as camas baixas, forradas com uma colcha de chita azul, roupa lavada em todas, dando antes a impressão d'um asylo, d'um collegio pelo cuidadoso aspecto do conjuncto.

A cada leito corresponde uma banca de cabeceira, e por detraz, sobre uma taboa pintada, que encobre parte do *lambris* azulejado, o cabide. A meio uma passadeira de juta. E' este o scenario simples, e agora calmo, da camarata — e, como esta, todas. E, no emtanto, por noite alta quantos infelizes não sonharão com a grandeza, aquella ephemera pacificação por certo lhes trará somno benefico, como se o lar — essa chimera — os agasalhasse agora, e... sempre.

E' facil evocar a scena lugubre, adivinhar nas suas caras de soffrimento scenas de desespero umas, de resignação outras, todo o drama intimo exhibido n'uma lagrima, n'uma supplica, e, agonia maior! n'um sorriso. Apesar do fim a que o Albergue se destina: acolher os sem-pão e sem-lar, é menos sinistro o seu aspecto pela noite, quando entrevistas as comaratas á luz fosca dos lampeões. Alli entra apenas a miseria docil, a miseria sem vicio, porque a secção dos morbidos, dos criminosos essa pertence á vigilancia policial derivando pelos tenebrosos pousos para pernoitar.

No Albergue Nocturmno entra durante a noite uma media de 40 pessoas, os que veem esmolar o caldo fumegante da ceia, e uma enxerga onde repousar o corpo das voragens do infortunio. O vicio torvo, os alcoolicos, os tarados, esses refugiam-se nos esconsos sombrios da cidade, nas viellas lobregas onde o sonho é uma desesperada vertigem para o crime, ao passo que no Albergue os rostos macerados de vigilias apenas dizem beatitude, misantropia dolorida, ambição, a ambição que é direito social: ser feliz.

O DORMITORIO DAS MULHERES

OUTRO ASPECTO DO DORMITORIO DAS MULHERES

— Quantas noites podem os mesmos indigentes ser albergados? — perguntei ao homem docil que me acompanhava.

— Tres noites em cada mez; mas lá mettem empenhos com a direcção, falam ao secretario, e é raro não lhes ser concedido maior praso de tempo.

— E as mulheres?

— Ah! essas, meu senhor, chegam a albergar-se vinte e trinta noites seguidas; principalmente as que recolheram gravidas ao hospital e que de lá sahem com a *cargo* nos braços. Emquanto os filhos não vão para a Santa Casa dormem por aqui.

A seguir a esta camarata, ha outra com seis camas, e outra ainda com oito.

— A que horas começa a caravana a chegar?

— Ahi por volta das 7, ao cahir da noite; mal escurece, começam a entrar, a estirar-se pelos bancos, quasi conhecedores do processo aqui seguido, calados, lentos no andar, para alli ficam esperando. Os mais fatigados, os que durante o dia bateram toda a cidade a mendigar, a implorar... — supplicas vãs! — esses, mal se sentam nas bancadas, adormecem, e depois...

E depois? — insisti:

— ... é um inferno para os acordar, ferram-se no somno. Tambem, coitados! alguns nem pódem com o *cadaver*.

E aquelle homem, affeito a vêr passar-lhe deante dos olhos, agora indifferentes, as mais desolantes historias de miseria, as maiores agonias, que os vigia durante a ceia, e que os vê, automaticamente quasi, sorverem o caldo, com a malga á bocca, e que depois os recolhe, distribuindo-os pelos seus leitos, teve um tremor triste na voz, repetindo:

— Coitados!... Isto só visto, contado... — e encolheu bruscamente os hombros.

No pavimento terreo, no mesmo plano que o do pateo de entrada, fica no lado opposto a cozinha. Ao centro ha uma vasta meza, onde os que querem cear — «e são quasi todos» — diz-me —, se arrumam esperando a refeição ultima: para elles quantas vezes a primeira, a unica!

— Logo que entram, ceiam?

— Não, senhor. Antes vão á casa do banho e lavam os pés, depois os mais andrajosos e sordidos despem-se, e as roupas ficam n'um tanque de marmore onde se escaldam por meio de vapor d'agua que vem, por uma canalisação, d'uma estufa proxima.

A casa do banho é um recinto com bancadas baixas em volta, e cavado no chão, á guisa de regueira, um sulco profundo de folha, onde mergulham os pés. E o meu elucidador prosegue:

— Alguns trazem-nos em chaga; das caminhadas pela cidade, pelos arrabaldes, calcando azinhagas e estevaes, pelas feiras á cata d'uma esmola.

Proximo d'este quarto, ha um outro onde os albergados depõem os chapéos, e onde de manhã, no levantar — ás 6 ½ a mór parte dos dias, exceptuam-se os de invernia aspera — se banham em bacias largas, sob a agua que cae em joeira.

— E partem em jejum, com a reminiscencia da ceia?

— Depois do levantar teem tambem outra refeição: meio litro de café e um quarto de pão; depois... mettem-se no caminho.

— Partem alegres? — inquiri preso d'uma viva curiosidade.

— Por vezes vão palreiros e alegres, como se o teremnos albergado e dado duas refeições já lhes fosse uma felicidade suprema. Outros, ao contrario, separam-se tristes, como que antevendo um dia de fome negra, sem altivez para iniciarem a nova peregrinação. E, se já cá estiveram tres noites, então, deante da probabilidade de não poderem voltar tão cedo, — porque, como disse, só pódem ser albergados 3 vezes no mez — então partem injuriando a vida, amaldiçoando, e difficil e lentamente transpõem a portada. Parece que deixam aqui, estiolada e morta, a unica esperança que lhes restava... Coitados!...

O albergue para mulheres

No primeiro andar, ha as dependencias para as mulheres. Alli, o aspecto é mais dolorosamente commovedor: o mesmo asseio é certo, mas a profusão de berços evoca a miseria alastrando nas creanças, a miseria que as perverterá na vida, faminitas de poucos mezes, algumas recem-nascidas, que teem logar nos leitos com as mães, porque as camas teem duas almofadas: uma mais pequena, sob o lençol, como que esperando os corpos debeis. A dôr avassallando miniaturas humanas é o que aquelle scenario me diz, na sua simplicidade. A primeira camarata, agora banhada na gloriosa luz do sol, tem 4 camas. A encarregada, a quem fui endereçado, explica-se:

— Aqui ficam as mulheres que foram dar á luz ao hospital, e que sahiram com os filhos. Dormem juntos.

— Casadas? — inquiri.

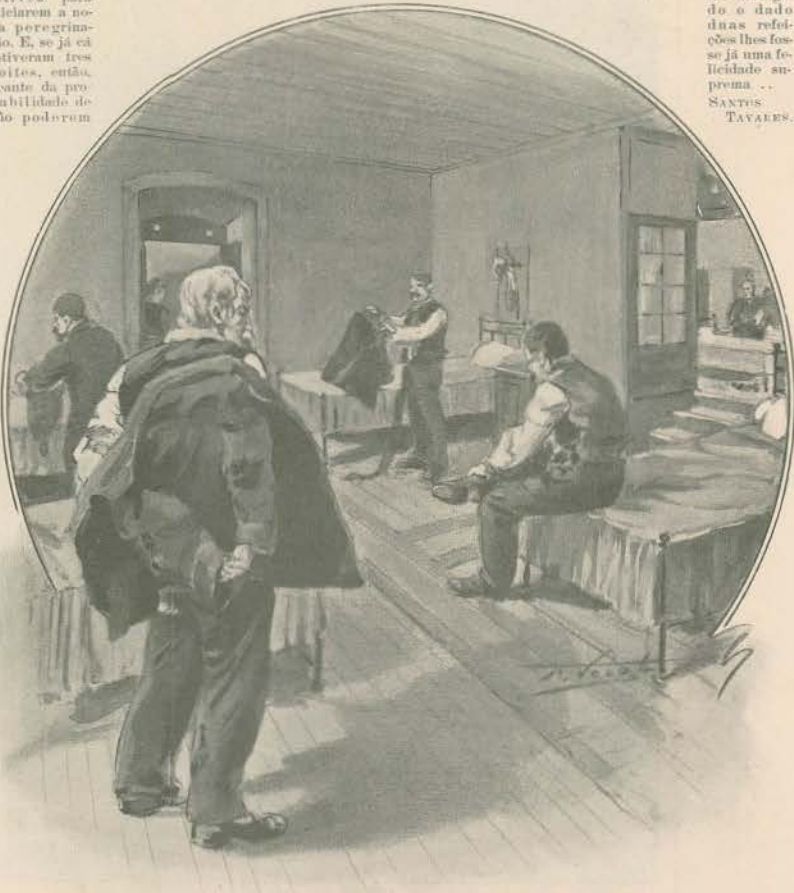
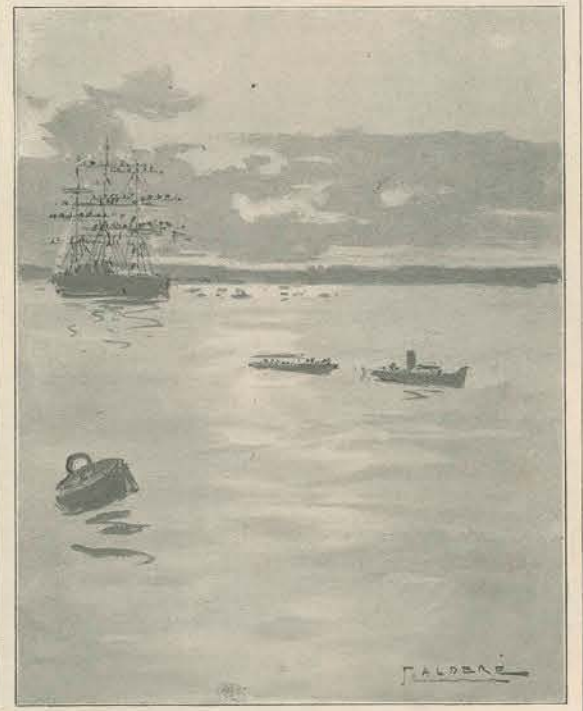
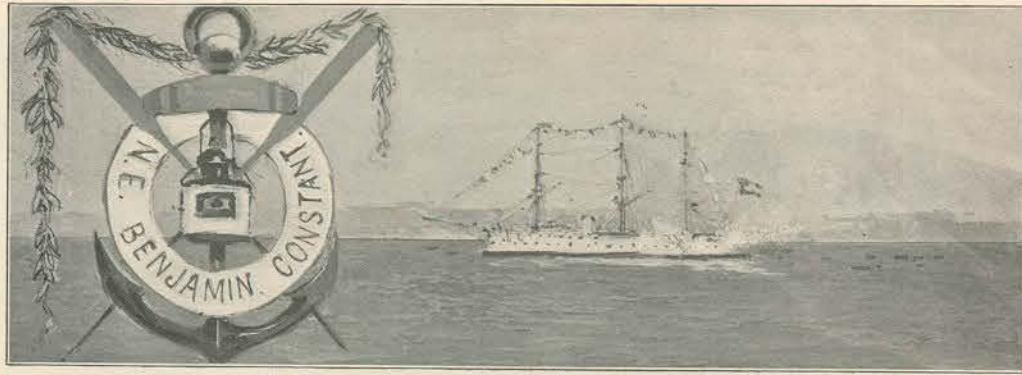
— Quasi nunca. Nós pouco perguntamos, mas muitas confessam-se, e a historia é sempre a mesma: o acaso, a torpeza d'algum homem, uma ambição mal cumprida, o unico prazer das desgraçadas.

E ahi começam a redobrar de infortunio, a passarem mais fome, com os peitos rasos, estanques, enchendo os corpos tenros de lagrimas que é a unica mortalha que os envolve, o unico cantico, aria da angustia que deveria antes ser uma *musica prohibida* — que os embala — ficára-me pensando n'uma surda revolta de inutil para apazignar tanta fadiga, tanta infelicidade.

Duas horas depois, sahia do Albergue, não sem ter recordado as scenas de miseria que aquella piedosa instituição ampara, os momentos de felicidade que offerece a todos os sem-lar que a ella recorrem.

E no meu espirito vibrava ainda a eloquente phrase que pouco antes me fôra dita:

— Alguns indigentes sahem alegres, como se o teremnos albergado e dado duas refeições lhes fosse já uma felicidade suprema...

SANTOS TAVARES.

AO LEVANTAR

A VISITA DE SS. MM. A BORDO DO CRUZADOR BRAZILEIRO «BENJAMIM CONSTANT» EM 12 DE FEVEREIRO

1.º — AS SALVAS. = 2.º — A CHEGADA DE SUAS MAGESTADES. = 3.º — SUAS MAGESTADES NA VISITA. = 4.º — OS MARINHEIROS DANÇANDO O «MAXIXE» DEANTE DE SUAS MAGESTADES = 5.º — A PARTIDA DE BORDO

O commandante do cruzador, sr. Alencastro Graça, veiu receber ao portaló os augustos visitantes, estando formada a guarnição e tocando a banda o hymno portuguez. Suas Magestades repousaram na sala do commandante que lhes offereceu um magnifico *lunch*, findo o qual começou a visita ao navio. Foram collocadas cadeiras na tolda e como Sua Magestade a Rainha senhora D. Amelia manifestasse desejo de ouvir alguns trechos de musica brazileira, a banda tocou o *Maxixe* da *Capital Federal* e o fado brazileiro *Bebé*. O *Maxixe* foi dançado pelos marinheiros Raymundo dos Santos, Milton Leopoldo Pedroso, Horacio Borges, Antonio Vianna e pelo cabo de infantaria de marinha Antonio Motta.

Sua Magestade applaudiu os marinheiros que tinham dançado a modinha caracteristica do Brazil e foi-lhe offerecido n'esta occasião, pela officialidade do cruzador, um bello ramo de lyrios e jasmins, com fitas das côres brazileira e portugueza. Muito gentilmente S. M. accedeu em ser photographada pelo sr. tenente Dodowarth.

A visita de Suas Magestades terminou pelas 4 horas da tarde e constituiu a ultima ceremonia official a bordo do *Benjamim Constant*, que sahiu do nosso porto no domingo gordo.

A MASCARADA DOS ALUMNOS DOS LYCEUS

Os rapazes do lyceu, n'uma alegria propria da mocidade, festejaram estrondosamente o carnaval com um cortejo heroe-comico que geron grande hilaridade por essa Lisboa. O programma, em patusca critica a diversos acontecimentos escolares, encontrou magnificos interpretes nos alumnos dos lyceus de S. Domingos e do Carmo.

A' frente iam os alumnos Antonio Pinto Martins, Felix da Costa e Annibal dos Santos montados em burros, e seguia-se a mascarada pela seguinte fórma: Um batalhão de 400 alumnos com a sua bandeira verde, tendo por capacetes alcofas, depois o *regimento imaginario da raiz menos um*, constituido por alguns alumnos do lyceu de S. Domingos, *Cavallaria macedonica*, e o athleta Menino, a *Reforma*, a *Industria Nacional*, os *homens do futuro* e o andor do carnaval antigo.

Seguiam-se depois o *Progresso*, novos batalhões e os *verdadeiros martyres da sciencia*, que entoavam, ou antes desentoavam, um hymno folião. Fechava a mascarada uma philarmonica que atroava tudo com os sons roucos dos clarinetes velhos e das cornetas de barro.

Rocio, Avenida, ruas Alexandre Herculano, Castilho, Rodrigo da Fonseca e S. Mamede até á Escola Polytechnica.

Quando os alumnos do lyceu chegaram a este ponto, os estudantes d'este estabelecimento receberam-nos com o hymno real tocado em gaitinhas de folha, no mesmo tempo que dentro da guarita se ouvia o barulho de um chocalho, n'uma recepção galhofeira á rapaziada.

Fez-se então a cerimonia

No lyceu do Carmo organisaram-se quatro batalhões compostos por 400 alumnos e que tinham as seguintes denominações: *D. Luciano*, *Roqueiras de Panamá*, *Cruzada de canos d'esgoto* e *Garfo e faca*. Sahiram em fórma do Carmo para S. Domingos, onde os aguardavam os outros estudantes, organisando-se então o cortejo pela seguinte maneira:

Este grupo chamava-se a *Philarmonica dos Voluntarios das Iscas* e era regido pelo estudante Napoles que, de piassaba em punho, em largos gestos, marcava o compasso da banda. Logo atraz marchava a guarda de honra formada por 12 estudantes com barretinas d'oleado e espingardas de pau, escoltando o pendão do *grosso da população*. Na retaguarda, coberto de crachás de papelão e montado n'um burro, ia o estudante Quartin, o generalissimo das tropas, com o seu ajudante Moraes Ferreira, montado n'um pau com uma cabeça de burro em cartão.

No couce do cortejo alguns estudantes representando caricaturaes reporters e grotescos policias da judiciaria.

O cortejo percorreu o largo de S. Domingos,

do enterro da *Panella*, allusão graciosa a um acontecimento escolar, e a tropa, depois d'um *lunch*, que custou d'agua, por pucaros de barro, poz-se de novo em marcha.

Seguiram então pelas ruas da Escola, D. Pedro V, S. Pedro d'Alcantara, S. Roque, Chiado, Nova do Almada, S. Nicolau, Ouro e Rocio.

* * *

Foi este o primeiro anno em que os alumnos dos lyceus fizeram a sua mascarada assim como os estudantes do Instituto Industrial.

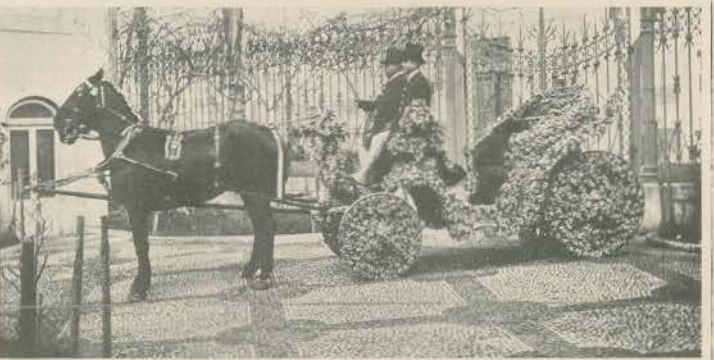
Desde ha annos que as festas escolares carnavalescas eram apenas feitas pelos rapazes da Escola Medica, os quaes em alegres cortejos criticavam com os acontecimentos escolares outros extra-academicos.

A festa realisava-se no pateo da Escola e este anno foi transferida para o dia da Serração da Velha, em que farão um grande baile allegorico como é de uso nas escolas de Paris pela *mi-carême*.

1 — GRUPO DE REPORTERS E POLICIAS = 2 — O CARRO DO ATHLETA ME...NINO = 3 — UMA AMA DOS HOMENS DO FUTURO = 4 — SOLDADOS DO REGIMENTO DA RAIZ = 5 — OS MANDÕES
6 — O COMEÇO DO CORTEJO = 7 — OS ALUMNOS DO LYCEU DO CARMO (REGIMENTO IMAGINARIO) = 8 — OUTRO ASPECTO DO REGIMENTO

O BATALHÃO D'AJUDA

Este batalhão foi constituido ha dois annos pelos rapazes d'Ajuda que se presentaram em publico com extravagantes uniformes e obtiveram desde logo um successo. Batalhão alegre que conta perto de 400 *soldados*, com os respectivos *sargentos e officiaes*, é commandado pelo sr. Allalo, telegraphista, da estação de Belem, que durante os dias de carnaval soube manter o enthusiasmo entre os seus subordinados, nas manobras da Avenida.

O regimento andou sempre em evoluções com os seus porta machados, artilharia, carros de ambulancia etc., e pela sua graça, pelo exotico dos trajos conseguiu bastantes e merecidos applausos. Levava alguns typos ratões, que arrancavam francas gargalhadas dos espectadores. Foi sem duvida o melhor batalhão carnavalesco que se apresentou, merecendo justamente o 1.º premio, 150$000 réis, que o jury lhe conferiu em segunda feira gorda.

ASPECTOS DAS FESTAS CARNAVALESCAS NA AVENIDA DA LIBERDADE, EM DOMINGO GORDO

1 — O ARCO DA ENTRADA DA AVENIDA — 2 — A FOLIA COM A DANÇA, A GRAÇA, A ESTROINICE E A MUSICA NO PAVILHÃO — 3 — A BICYCLETA DO SR. [illegible] TIEMENT RASENTACK QUE FOI PREMIADO COM UMA BILHETEIRA DE PRATA — 4 — O CARRO DA FOLIA — 5 — A CARRUAGEM DA SR.ª D. RACHEL LEVY AZANCOT

As festas foram animadas; para ellas concorreu o bom gosto e o magnifico sol. Havia um grande numero de carruagens enfeitadas a capricho, cavalgadas bizarras, automoveis com bellas ornamentações e bicyclettas d'uma grande originalidade. A concorrencia foi enorme, e entre o grande numero de carruagens ornamentadas destacavam-se as dos seguintes senhores: Joaquim Domingos d'Oliveira, a flôres verdes; Antonio Ramos, ornada a fitas de varias côres; o carro ornamentado á hespanhola (com muitas flôres e mantões que conduzia os srs. Carlos Lima, Manuel Pinto, Antonio Pinto e João de Sousa; o trem da familia Salazar e muitos carros reclamos. Porém a carruagem do mais bello effeito era a da sr.ª D. Rachel Levy Azancot, todo envolvida em violetas roxas e brancas, myosotis, e varias colchas riquissimas. Foi este carro que recebeu o premio, que constava d'um grande jarro e bacia de prata estylo Luiz XV.

ASPECTO DA FESTA CARNAVALESCA EM SEGUNDA-FEIRA GORDA NA AVENIDA DA LIBERDADE

As festas começaram ás 2 horas da tarde e o seu programma era um certamen de mascaras. Appareceram algumas de fino gosto, outras que davam bem a nota ridicula, o exaggero do typo que constitue o grande interesse carnavalesco. Faziam-se notar as seguintes mascaradas:

Sociedade União e Capricho, tendo no pendão o distico: *Hercules incitadores.—As Marinheiras do Intendente*, levando um estandarte no qual se lia: *Um drama na India.* — Sociedade Capricho de Alfama, com o seu estandarte no qual se lia: *Na côrte de el-rei Lamecha.*—Grupo Musical de Amadores, de jaleco e calção azul, com turbantes.—Troupe musical denominada *Chiquita*, vestida d'azul com capas da mesma côr, guarnecidas de arminho e bordadas a lantejoulas de prata.

E os seguintes individuos: Antonio Ignacio, que vestia um fato composto por 19 kilos de buzios; Ignacio de Freitas, tambem com um fato de conchas, pesando vinte e dois kilos; Justino e Mourão, dois typos de provincianos, em dias solemnes; Henrique Trindade-Julio Rodrigues e Alfredo Netto, que se apresentaram com casacos feitos de cobertores, calças de flanella ás riscas, chapelinhos pretos na cabeça e grandes bengalas de volta; Francisco Alexandre Rodrigues e Luiz Pimenta da Fonseca, com fatos forrados de caracoes; José da Fonseca Teixeira e José Antonio de Carvalho e Sousa, vestindo fatos forrados de bugalhos.

Os premios foram conferidos pela seguinte ordem: 150$000 réis ao batalhão d'Ajuda; 100$000 réis ao batalhão d'Alcantara; 50$000 réis á Sociedade d'Alfama, que representou a parodia a *Côrte d'el-rei Lamecha;* 25$000 réis á *Troupe Chiquita;* 15$000 réis aos dois mascarados *Adrião e Genoveva;* 10$000 réis aos srs. José Antonio de Carvalho e Sousa e José Teixeira, que vestiam de bugalhos; 5$000 réis ao sr. Manuel da Silva, vestido de hespanhola.

OS PORTUGUEZES NO SALÃO DE ROMA

RETRATO DA SR.ª CONDESSA DE THOMAR FEITO PELO SR. O'CONNOR MARTINS, SECRETARIO DA EMBAIXADA PORTUGUEZA EM ROMA

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN.

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Pela manhã mandámos vir burros. E' para notar que tivessemos de os *mandar* vir. Disse que Damasco era um fossil. Em qualquer outra terra teriamos sido assaltados por um clamoroso exercito de burriqueiros, guias, bufarinheiros e mendigos — mas em Damasco a só presença de um christão extrangeiro é odiada a tal ponto que ninguem quer ter trato com elle; data apenas de um anno ou dois que um christão está perfeitamente seguro nas ruas de Damasco. Em toda a Arabia é esse o mais fanatico purgatorio musulmano. Emquanto n'outras partes vêdes um turbante verde de um Hadji (signal venerado de que s. ex.ª fez a peregrinação a Mecca), vereis uma duzia em Damasco. Os damascenos são gente horrenda e de mais ruim aspecto que temos visto. Quasi todas as mulheres de véo, que enxergámos até agora, deixam os olhos descobertos, mas grande quantidade d'ellas em Damasco occultam o rosto de todo sob um véo negro muito espesso, que faz a mulher parecer uma mumia. Se alguma vez apanhámos um olho descoberto, logo o escondiam para o livrar do contagio de olhares christãos; os mendigos passavam por nós sem nos pedir esmola, e os mercadores nos bazares não erguiam no ar as suas mercadorias, gritando agudamente: — Olé, João! — ou — Reparae n'isto, Howajji! Pelo contrario, carregavam o semblante ao ver-nos, e nunca diziam palavra.

As ruas estreitas enxameavam, como um cortiço, de homens e mulheres, em extranhas vestes orientaes, e os nossos burricos batiam n'elles para a direita e para a esquerda, ao passo que rompiamos pelo meio d'elles, incitados pelos desapiedados rapazes dos burros. Esses perseguidores correm atraz dos animaes gritando e aguilhoando-os durante horas a fio; conservam o burro n'um galope constante, sem, comtudo, se cançarem ou cahirem para traz. Os burros, esses caem, e fazem-nos ir por terra, sahindo-lhes pela cabeça, uma vez por outra, sem outras consequencias que montarmos outra vez e andarmos para deante. Fomos arremessados d'encontro a aguçadas esquinas, homens carregados, camellos e cidadãos em geral; e estavamos tão occupados em evitar collisões e eventualidades, que o mesmo era não reparar para cousa nenhuma. E montados percorremos meia cidade, e atravessámos a famosa rua «que se chama direita»,

sem, a bem dizer, vermos cousa nenhuma. Tinhamos os ossos quasi deslocados, sentiamos grande excitação, e os lados doiam-nos com os solavancos que tinhamos dado. Não gosto de andar a cavallo nas ruas de Damasco.

Ficavam-nos em caminho as famosas casas de Judas e Ananias. Ha de haver mil oitocentos ou mil e novecentos annos, que Saulo, natural de Tarso, sendo especialmente adverso á nova seita chamada dos christãos, sahiu de Jerusalem e foi-se atravez do paiz n'uma cruzada furiosa contra elles. Avançou «respirando ainda ameaças e morte contra os discipulos do Senhor.»

«E indo elle seu caminho foi cousa factivel que se avizinhasse a Damasco: e subitamente o cercou ali uma luz vinda do céo.

«E, cahindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, porque me persegues?

«Elle disse: Quem és tu, Senhor? E elle respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues...

«Então, tremente e attonito, disse: Senhor que queres tu que eu faça?»

(*Ac. dos Ap.* cap. IX)

Disse-lhe que se erguesse e fosse á antiga cidade e alguem lhe diria o que havia de fazer. No entretanto os seus soldados ficaram sem fala e cheios de terror, porque tinham ouvido a voz mysteriosa e não viram homem nenhum. Saulo ergueu-se e conheceu que aquella esplendida luz sobrenatural lhe tinha tirado a vista, e que estava cego, de sorte que «elles, levando-o pela mão, o introduziram em Damasco». Estava convertido.

Paulo esteve tres dias cego em casa de Judas, e durante esse tempo não comeu nem bebeu.

E um cidadão de Damasco, de nome Ananias, ouviu uma voz que dizia: «Levanta-te e vae á rua que se chama direita: e busca em casa de Judas a um de Tarso, chamado Saulo: porque ei-lo ahi está orando.»

Ananias a principio não tinha muita vontade de ir, porque já ouvira nomear Saulo, e tinha suas duvidas sobre aquella denominação de «vaso de eleição» para prégar o evangelho da paz. Comtudo, em obediencia ás ordens, foi á «rua que se chama direita» (como elle deu com ella, e, como depois de a ter encontrado, conseguiu sahir de lá, são mysterios que só podem admittir-se pelo facto de que elle estava obrando sob a inspiração divina). Encontrou Paulo, curou-o e ordenou-o prégador, e d'essa casa velha, que nós buscamos na rua mal denominada direita, partiu elle para a arriscada carreira de missionario, que seguiu até á sua morte. Não era essa casa do discipulo que vendeu o Mestre por trinta dinheiros. Dou esta explicação em abono de Judas, que era uma especie de homem muitissimo differente da pessoa a que acima alludo. Muitissimo differente especie de homem, e vivia n'uma casa bem boa. E' lastima não sabermos mais nada a seu respeito.

A rua que se chama direita é mais direita que um sacarolhas, mas não tanto como um arco-iris. S. Paulo teve cuidado em não se comprometter; não diz a rua direita, sim a «rua que se chama direita». E' uma fina ironia, o unico gracejo que ha na Biblia, creio eu. Tendo atravessado a rua que se chama direita, dirigimo-nos para a famosa casa de Ananias. Ha alguma duvida sobre se ainda existe uma parte da casa primitiva; é um velho quarto, soterrado doze ou quinze pés, e a sua cantaria é evidentemente antiga. Se lá não viveu Ananias

no tempo de S. Paulo, alguem lá morou, o que vem a dar na mesma. Bebi uma gotta de agua do poço de Ananias, e, cousa notavel, estava tão fresca, como se tivessem aberto o poço na vespera.

Seguimos d'ali para a extremidade norte da cidade para ver o logar onde os discipulos puzeram S. Paulo sobre a muralha de Damasco — porque elle prégava a religião de Christo tão corajosamente em Damasco que o povo tratou de o matar, exactamente como o fariam hoje pela mesma affronta, e por isso elle teve de fugir para Jerusalem.

Fomos ver a sepultura dos filhos de Mahomet, e outra que pretende ser a de S. Jorge, que matou o dragão, e por ali adeante até á caverna debaixo de uma rocha, onde S. Paulo se escondeu durante a fuga, até que os seus perseguidores se deixaram de o buscar; e ao mausoléo dos cinco mil christãos mortos em Damasco pelos turcos em 1861. Dizem que n'essas ruas estreitas o sangue correu durante muitos dias, e que homens, mulheres e creanças foram indistinctamente trucidados, ficando a apodrecer aos centos em todo o bairro christão; dizem, ainda, que o fétido era terrivel. Fugiram da cidade todos os christãos que o puderam fazer, e os turcos não quizeram macular as suas mãos, enterrando os «cães infieis». A séde do sangue extendeu-se até ás terras altas de Hermon e do Anti-Libano, e dentro em pouco tempo mais vinte e cinco mil christãos foram sacrificados, e os seus bens assolados. Que odio teem aos christãos em Damasco! — e egualmente em toda a Turquia. E como elles hão-de paga-lo quando outra vez a Russia apontar sobre elles a sua artilharia!

Consola o coração invectivar a Inglaterra e a França por intervirem para salvar o imperio ottomano da destruição que tanto tem merecido, ha mil annos. Fere a minha vaidade ver estes pagãos não quererem comer da alimentação preparada para nós, ou servir-se de um prato do qual nós comemos, ou beber de um ódre que nós polluimos com os nossos labios christãos, a não ser que filtrem a agua por um trapo ou por uma esponja, postos na bôca do odre! Nunca detestei um chim tanto como estes degradados turcos e arabes, e, quando a Russia estiver prompta para outra vez lhes fazer guerra, espero que a Inglaterra e a França não julgarão acertado intervir.

Em Damasco cuida-se que não ha rios nenhuns no mundo inteiro como os seus pequenos Abana e Pharpar. Sempre assim pensaram os damascenos. Nos *Reis*, l. IV, cap. V, v. 12, jacta-se Naaman de modo extravagante a respeito d'elles. Passou-se isso ha tres mil annos. Diz elle: «Acaso não temos nós em Damasco os rios Abana e Pharpar, que são melhores que todas as aguas de Israel, para eu lá me lavar e ficar limpo?» Porém, alguns dos meus leitores já se esqueceram de quem era Naaman, ha tanto tempo. Era o commandante dos exercitos syrios. Favorito do rei, vivia com grande estado. «Era valente e rico, mas leproso.» Cousa notavel, a casa, que hoje nos apontam como a que foi d'elle, converteu-se n'um hospital de leprosos, que expõem as suas horrendas deformidades, levantam as mãos e pedem esmola, quando lá entram extrangeiros.

Ninguem pode apreciar o horror d'essa enfermidade antes de a contemplar em toda a sua hediondez nos antigos aposentos de Naaman em Damasco. Os ossos todos contorcidos e informes, grandes nós protuberantes no rosto e no corpo, as articulações deslocadas e pendentes — horrivel!

XIV

A cholera para variar — Calor immenso — Outra precisão de extrangeiros — Photographia a penna e tinta de «Jonesborough» na Syria — Tumulo de Nemrod, o poderoso caçador — A mais majestosa de todas as ruinas — Caminhando pela raia da Terra Santa — Banho nas origens do Jordão — Mais «specimen» de caçada — Ruinas de Cesarea-Philippi — «Sobre esta pedra edificarei a minha egreja» — A gente que os discipulos conheceram — O nobre corcel «Baalbec» — Idolatria sentimental dos arabes pelo cavallo.

Nas ultimas vinte e quatro horas que estivemos em Damasco, fiquei prostrado com um violento ataque de cholera morbus, e por consequencia tive boa occasião e boa desculpa de estar deitado sobre o grande divan, e ter um respeitavel descanço. O que tive que fazer foi só ouvir a queda da agua nas fontes e tomar remedios. Ingeri muita neve do monte Hermom, e, como ella se me não demorava no estomago, nada impedia que a fosse tomando — havia sempre espaço para mais. Gosei muito com isso. A viagem na Syria, como em qualquer outra parte do mundo, tem suas feições interessantes, e quebrar uma perna ou ter a cholera ainda lhe accrescenta uma bemvinda variedade.

Sahimos de Damasco ao meio dia, atravessámos a cavallo a planicie um bom par de horas, e depois o grupo deteve-se por um pouco á sombra de umas figueiras para descançar. Foi o dia mais ardente que tivemos. Os fogos solares desciam como as chammas que se alongam deante de um maçarico; os raios pareciam cahir n'um diluvio constante sobre a cabeça e vir por ali abaixo como a agua da chuva de um tecto. Imaginei que podia fazer distincção entre as ondas de raios — pensei que podia dizer quando cada onda me tocava na cabeça, me chegava aos hombros, e quando vinha a immediata. Terrivel cousa! Todo o deserto scintillava com tamanha violencia que eu tive sempre os olhos arrazados de agua. Os rapazes levavam guardasoes muito bem forrados de verde escuro, o que era um beneficio inapreciavel. Agradeci á minha fortuna tambem possuir um, não obstante estar emmalado com a bagagem, e a dez milhas adeante. E' loucura viajar na Syria sem guardasol. Disseram-me em Beirouth (pessoas que estão sempre a abarrotar-vos de conselhos) que era loucura viajar na Syria sem guardasol. Por isso é que eu tinha adquirido um.

Mas, falando serio, entendo que um guardasol é um incommodo sempre que se trata de nos preservar do sol. Arabe nenhum usa aba no seu fez, guardasol ou qualquer cousa, que lhe faça sombra nos olhos ou ao rosto, e parece estar sempre bem e á vontade ao sol. Mas de todas as scenas ridiculas que jámais tenho visto — a mais ridicula é a que apresenta o nosso grupo de oito, que formam um quadro muito extravagante. Viajam a um de fundo; todos elles trazem o interminavel trapo branco de Constantinopla enrolado nuns e muitas vezes nos seus chapéos, e fluctuando pelas costas abaixo; todos usam grossos oculos verdes com antolhos; todos levam na mão guardasoes brancos, forraúdos de verde, abertos sobre suas cabeças; sem excepção, os seus estribos são muito curtos — não ha em todo o mundo cavalleiros peores do que elles; e os seus «animaes, para cavallos», trotam horrivelmente — e, quando vão em fila, resplandecendo na frente e sem poder respirar, saltando ora um, ora outro, para cima e fóra de ordem em todo o comprimento da linha, com os joelhos erguidos e puxados acima, e os cotovellos a baterem-lhes nos lados, como as azas do gallo quando vae cantar, e a comprida enfiada de guardasoes a pular convulsivamente para cima e para baixo — quando a gente vê este painel affrontoso desenrolado á luz do dia, pasmo de que os deuses não lancem mão dos seus raios e não varram aquillo da superficie da terra; Pasmo, com effeito. Não consentiria que semelhante caravana atravessasse paiz meu.

E, quando o sol se some no horisonte, e os rapazes fecham os guardasoes e os mettem debaixo do braço, é apenas uma variante do quadro, e não modificação do seu absurdo.

Mas bem pode ser que não enxergueis a exuberante incongruencia dos oculos. Fa-lo-hieis, se cá estivesseis. Aqui parece-vos sempre que viveis ahi pelo anno de 1200 antes de Christo — ou para traz no tempo dos patriarchas — ou para deante na Nova Era. Rodeia-vos o scenario da Biblia — vêdes os trajos dos patriarchas — a mesma gente, com as mesmas vestes fluctuantes, e de sandalias, passa por vós — vão e veem as mesmas compridas fileiras de dromedarios majestosos — a mesma imponente e religiosa solemnidade e silencio pousam hoje sobre o deserto e as montanhas como pousavam nos tempos remotos da antiguidade, e não quereis agora vêr, entremettendo-se n'um scenario d'esta ordem, essa tropa phantastica de Yankees de oculos verdes, com os cotovellos a dar a dar, e os guardasoes para uma banda e para outra. E' cousa que não tem geito nenhum!

Volvidas tres ou quatro horas depois da sahida de Damasco, passámos pelo sitio em que Saulo foi abruptamente convertido, e de lá contemplámos o deserto ardente e apercebemos n'um ultimo relance a bella Damasco, coberta pela sua refulgente verdura. E já noite fechada nos recolhemos ás nossas tendas, da parte de fóra da suja aldeia de Baldwinsville. A verdadeira denominação d'esse logar é El uma cousa ou outra, mas a unica pessoa que jamais tentou pronuncia-la, morreu. Quando digo que essa aldeia é do estylo ordinario, pretendo significar que todas as aldeias da Syria no ambito de cincoenta milhas de Damasco são a mesma cousa — tão semelhantes umas ás outras que seria necessario intelligencia mais que humana para dizer o em que ellas differem entre si. Uma aldeia da Syria é uma colmeia de cabanas de um andar de altura (a altura de um homem) e quadradas como uma caixa de generos seccos, toda emplastada de terra amassada, tecto e tudo achatado, e geralmente caiada segundo o costume. Muitas vezes o mesmo tecto corre sobre metade da povoação, cobrindo boa parte das *ruas*, que teem em geral uma jarda de largura. Quando atravessaes a cavallo uma d'essas aldeias ao meio dia, a primeira cousa que encontraes é um cão melancholico, que levanta os olhos para vós, e pede silenciosamente que não passeis por sobre elle, sem, comtudo, se prestar a tirar-se do caminho; depois vêdes um rapazito completamente nu, que ergue a mão e diz: «uma esmola!» — de certo, não espera que lhe deis um real, mas aprendeu a dizer aquillo antes de saber dizer minha mãe, e agora já não perde o habito; depois é uma mulher com o véo muito fechado sobre o rosto, e o busto á vista; finalmente, ides dar com muitas creanças doentes dos olhos, e creanças em todas as phases de mutilação e decadencia; e sentado humildemente no chão, e todo coberto de trapos immundos, está uma miseravel ruina humana, cujos braços e pernas estão travados e entrelaçados como as videiras. E' essa gente que é provavel que vejaes. A população, parte dorme de portas a dentro, parte anda por fóra apascentando as cabras nas planicies ou nas encostas dos montes.

FOLHETIM N.º 15

(Continúa.)

1 Iamssen, 3.º engenheiro—2 Olsing, 1.º engenheiro—3 Jorgensen, 2.º official—4 G. Olsson, creado—5 O. Endresen, fogueiro—6 L. Lassen, fogueiro—7 R. Annebach, marinheiro—8 Tuelint, fogueiro—9 A. Wikberg, marinheiro—10 E. Kranse, marinheiro, naufragos do vapor «Harald»

Naufragio do vapor allemão „Harald"

O *Harald*, de 970 toneladas, pertence á casa Flensburger Dampper, vinha de New-Castle com destino a Bora (Italia) quando, ao passar entre os Cabos Carvoeiro e da Roca, foi colhido pelo temporal na manhã de 11 de fevereiro. Quizeram então mudar de rumo e vieram para as bandas do Cabo de S. Vicente buscando abrigar-se. Porem foram impellidos para o largo e o barco, encalhando nas pedras da Zimbreira, a 400 metros da costa, soffreu um grande rombo, sendo logo inundados o porão e a casa das machinas. Logo que se deu o desastre a tripulação buscou lançar-se ao mar, porém, o capitão, mr. Johann Pattersen, vendo que o navio offerecia todas as condições para se aguentar, mostrou aos seus homens que deviam ficar a bordo em vez de irem luctar com o mar, que estava temivelmente agitado.

Apesar de tudo metteram-se ainda nas lanchas 11 homens de tripulação, ficando 8 a bordo. Já proximo da praia o mar despedaçou as duas lanchas e os que ellas conduziam tiveram de alcançar a terra a nado. Os que ficaram a bordo quizeram tambem deixar o vapor e estabeleceram um cabo de vae-vem, porém tão mal constituido que o marinheiro Johnson e o cozinheiro Andersen ao procurarem a salvação cahiram ao mar, sendo tragados pelas ondas.

Começaram então a chegar os soccorros, tendo partido de Lisboa o rebocador *Berrio* e o vapor *Lidador*.

CASIMIRO DANTAS

Falleceu em 15 de fevereiro este illustre poeta e jornalista, cuja obra fica dispersa por diversos jornaes e revistas.

Os versos que hoje publicamos constituem o seu ultimo trabalho:

MALDIÇÃO

Tu que a sorrir meu soffrimento visitas,
N'essa altivez despotica, refece,
Maldita sejas tu entre as malditas,
Não tenhas quem por ti solte uma prece.

Não torne a acalentar-te uma alegria,
Nenhuma estrella os passos te illumine,
E apraza á Providencia dar-te um dia,
O supplicio maior que se imagine.

Quando os olhos te apague a morte dura
E para todo o sempre a luz os deixe,
Que não haja entre tanta creatura
Uma só creatura que t'os feche.

Mas ouve: se amanhã, d'orgulho extincto,
Buscar o meu perdão emfim viéres,
Bemdito seja o amôr que por ti sinto,
Bemdita sejas tu entre as mulheres!

CASIMIRO DANTAS.

SR. CONDE DE AZARUJINHA
Fallecido em 13 de fevereiro

UM ASPECTO DA RUA VASCO DA GAMMA, EM PARIS (PHOTOGRAPHIA GENTILMENTE CEDIDA PELO SR. D. ANTONIO DE FARIA, CONSUL DE PORTUGAL EM LEORNE)

A rua Vasco da Gama, como o conselho municipal de Paris deliberou chamar ao espaço que fica entre as avenidas Felix Faure e Croix Nivert, representa uma homenagem ao nome do grande navegador e a Portugal sua patria. A rua será inaugurada brevemente com a assistencia da colonia portugueza e do municipio de Paris.

CHRONICA ELEGANTE

Não é facil, na presente occasião, falar d'outra cousa, a não ser de theatros, bailes, *soirées* e toda a sorte de festas que são da praxe na época do Carnaval.

Nunca a fantasia se inspirou tão diversa e artisticamente como agora, pois os tecidos destinados a esse genero de *toilette* são verdadeiramente primorosos; alguns profusamente recamados de bordados, *paillettés*, *perlés*, outros em sedas e velludos flexiveis e ondulantes, ou de rendas *incrustées* na gaze, *mousseline*, *crêpe de Chine* e nos tulles finissimos quasi impalpaveis. As rendas preciosas ostentam-se como adorno de primeira ordem nas *toilettes* de todo o genero, sobretudo nas menos vaporosas e leves, attenuando a severidade dos tecidos pesados usados pelas senhoras que não dançam muito. Para as valsistas infatigaveis nada pode igualar o traje fino de gaze, *mousseline*, ou tulle guarnecido de flores variadas dispostas de forma muito *pessoal*, sem regra nem symetria. As joias faiscam e scintillam por entre nuvens graciosamente humanas e completam o conjuncto insinuante e attrahente do trajo de baile moderno, inimitavel de frescura, opulencia e elegancia. Usam-se bastante as joias antigas que, além do seu valor intrinseco, são adoptadas enthusiasticamente como obras d'arte Os brilhantes engastados á moderna, munidos sómente de *griffes* que deixam assim realçar todo o seu esplendor, são incomparavelmente mais vistosos, mas a fórma antiga tem um cunho de variedade e distincção innegavel e traz nos á memoria suggestivas figuras d'outros tempos. As pérolas rescendem juventude, graça e pureza, são o adorno das *toilettes* alegres e brilhantes. A proposito d'estas, consta que um sábio francez, depois de se entregar a varias experiencias scientificas, pretende cultivar em França uma especie d'ostras, nas quaes inoculará ou antes *infectará* a preciosa molestia, um bichinho chamado Dismome, o qual, como se sabe, é a origem da pérola. Os resultados obtidos até agora já são prometedores. Em 10 ostras uma tem pérola, emquanto que, entregue o caso á natureza, encontra-se uma pérola por mil ostras.

Figura 1

Figura 2

Virão as pérolas a ser menos preciosas? Talvez. Crêmos, porém, que nunca serão desdenhadas e que a sua incontestavel graça fará sempre d'ellas um precioso e formosissimo adorno.

O coral rosa tambem é actualmente muito usado pelas meninas e senhoras novas, assim como as turquezas e saphyras. As opalas teem a triste lenda de serem mau presagio; estamos, porém, crentes que esse prejuizo desapparece quando se misturem com outras pedras, como por exemplo a turqueza, que é *porte-bonheur*, ou com os brilhantes, symbolo da alegria e da ventura.

FIG. 1—Traje de *soirée* para menina de 14 a 15 annos. Em *mousseline rose*, inteiramente *plissé* com grande berthe em taffetas *rose pâle incrustée* de rendas Valenciennes. Collar de perolas e coral rosa.

FIG. 2—*Toilette* de *soirée* em velludo branco guarnecida de *chiffon* branco *bouillonné* e bordados a ouro. Collar de brilhantes.

FIG. 3—Cabeça de fantasia, genero *bayadère* cõm ornatos dourados e flôres.

Figura 3